

N.º 2.

N.º 329

2

SCEPTICISMO E CRENÇA
ILLUSÕES E REALIDADES
EM
THERAPEUTICA

DISSERTAÇÃO INAUGURAL PARA ACTO GRANDE

SEGUIDA DE NOVE PROPOSIÇÕES

APRESENTADA

À

ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

PARA SER DEFENDIDA

POR

MANOEL RODRIGUES DA SILVA PINTO

SOB A PRESIDENCIA

DO EXC.^{mo} SNR.

Antonio de Oliveira Monteiro

LENTE DA OITAVA CADEIRA



PORTO
IMPRESA POPULAR DE MATTOS CARVALHO & VIEIRA PAIVA
69, Rua do Bomjardim, 69

1873

15/2 EMC

Parsi o dia 18 de Julho de 1873, pe-
las 12 horas do dia.

Presidente - Ex. Sur. D. Antonio
d'Almeida Monteiro.

Ex. Sur.

D. Jose Fructuoso Ayres de
Gama e Sorio.

D. Jose Carlos Lopez Junior

D. Pedro e Augusto Dias.

Mitio Ayres Pereira de Valle

Arguentes

ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

DIRECTOR

O ILL.^{mo} E EXC.^{mo} SNR.

CONSELHEIRO MANOEL MARIA DA COSTA LEITE

SECRETARIO

O ILL.^{mo} E EXC.^{mo} SNR.

JOSÉ JOAQUIM DA SILVA AMADO

CORPO CATHEDRATICO

LENTES PROPRIETARIOS

OS ILL.^{mos} E EXC.^{mos} E SNRS.

1. ^a CADEIRA—Anatomia descriptiva e geral ..	João Pereira Dias Lebre.
2. ^a CADEIRA—Physiologia.....	Dr. José Carlos Lopes Junior.
3. ^a CADEIRA—Historia natural dos medica- mentos. Materia medica	João Xavier d'Oliveira Barros.
4. ^a CADEIRA—Pathologia externa e Therapeu- tica externa.....	Illidio Ayres Pereira do Valle.
5. ^a CADEIRA—Medicina operatoria	Pedro Augusto Dias.
6. ^a CADEIRA—Partos, molestias das mulheres de parto e dos recém-nascidos	Vaga.
7. ^a CADEIRA—Pathologia interna. Therapeu- tica interna. Historia medica.....	José d'Andrade Gramaxo.
8. ^a CADEIRA—Clinica medica.....	Antonio d'Oliveira Monteiro.
9. ^a CADEIRA—Clinica cirurgica	Agostinho Antonio do Souto.
10. ^a CADEIRA—Anatomia pathologica.....	Eduardo Pereira Pimenta.
11. ^a CADEIRA—Medicina legal. Hygiene priva- da e publica. Toxicologia geral.....	Dr. José F. Ayres de Gouvêa Osorio.
Curso de pathologia geral	Antonio Joaquim de Moraes Caldas.

LENTES JUBILADOS

Secção medica	{	Dr. José Pereira Reis.
		Dr. Francisco Velloso da Cruz.
		Dr. Antonio Ferreira de Macedo Pinto.
Secção cirurgica.....	{	Antonio Bernardino d'Almeida.
		Luiz Pereira da Fonseca.
		Conselheiro Manoel M. da Costa Leite.

LENTES SUBSTITUTOS

Secção medica	{	Vaga.
		Vaga.
Secção cirurgica	{	José Joaquim da Silva Amado.
		Vaga.

LENTE DEMONSTRADOR

Secção cirurgica.....	Antonio Joaquim de Moraes Caldas.
-----------------------	-----------------------------------

ESCOLA MATEO-CURUBA DO PORTO

SECRETARIA

DIRETOR

CONSELHEIRO MANOEL MARIA DA COSTA LITE

SECRETARIO

JOSE JOAQUIM DA SILVA AMADO

SECRETARIA

CONSELHEIRO

A Escola não responde pelas doutrinas expendidas na dissertação e enunciadas nas proposições.

(Regulamento da Escola de 23 de abril de 1840, art. 155.º)







A MEUS PAES

Vós, que me segurastes as passas na escallirasa senda da vida, dando-me egide segura com as massas carinhos e conselhos, — acalhei del enualta com a afferta d'este humillima trabalho a testemunha vivissima da amar acrisalada que nos consagra a

VOSSO FILHO EXTREMOSO

Manoel R. da Silva Pinto.





A MEU TIO

O ILL.^{mo} E REV.^{mo} SNR.

FRANCISCO DA COSTA PORTELLA



PROFESSOR NO LYCEU NACIONAL DO PORTO

Como um thesouro preciosissimo, saberei conservar na minha alma a immaculada gratidão dos abalisados beneficios que me prodigalisastes. Prouvera a Deus que todo o meu reconhecimento fosse bastante para corresponder á extremosa dedicação e fervorosa amisade com que soubestes suavisar as agruras da minha lida escolar!

N'esta falta, acolhei ao menos com a vossa peculiar benignidade as flôres immarcesciveis da imperecedoura gratidão que vos dedica o

VOSSO SOBRINHO E AMIGO

Mancel R. da Silva Pinto.







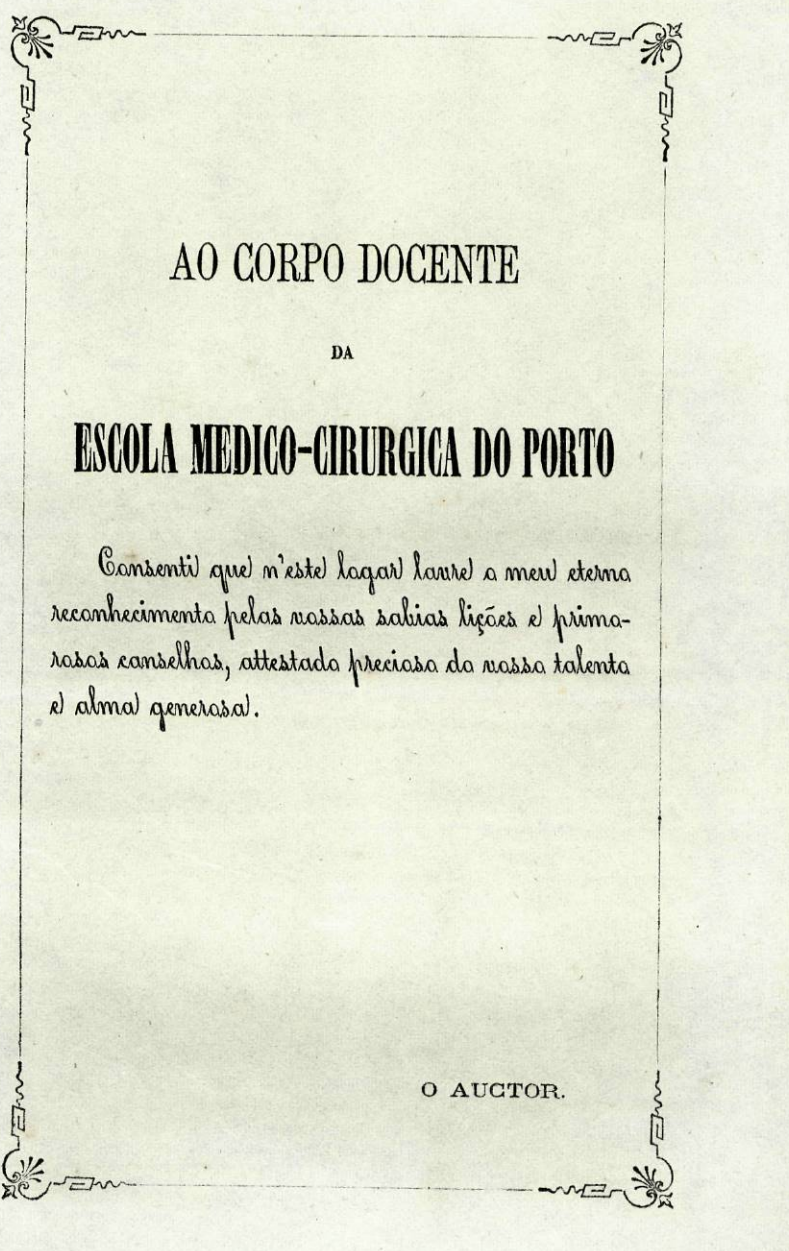
A MEUS IRMÃOS E IRMÃS

Amar fraternal! Que ineffável doçura n'este pensamento!... O que seria o mundo para a nossa coração — sem aquelle sentimento tão pacifico e suave! — Vós, que me destes a vossa amizade para meu luminar e que me enthusiasmastes n'este generosa anhelo, partilhai hoje do jubilo intimo da

VOSSO DEDICADO IRMÃO

Manoel R. da Silva Pinto.





AO CORPO DOCENTE

DA

ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

Consenti que n'este lugar laurel a meu eterna
reconhecimento pelas vossas sabias lições e prima-
rissas conselhas, attestada preciosa da vossa talento
e alma generosa!

O AUCTOR.





AO MEU PREZADO AMIGO

MANOEL MARIA ALLA

A existencia parece dilatar-se, quando se vive
pela pensamento no coração da amiga! Eu que
hei contigo commungada nas mesmas prazeres da
juventude, deseja que quinhões também da ale-
gria exuberante que agora me inunda a al-
ma!... Aceita pois este tributo da amizade af-
fectuosa que te vota a

AMIGO SINCERO

Manoel R. da Silva Pinto.



INTRODUÇÃO

La médecine a son principe fondamental, ses dogmes spéciaux, son génie propre, sa logique particulière, son langage, ses méthodes, ses règles et ses formes scientifiques.

(Traité de la science médicale.—E. AUBER.)

Não devem, nem podem esconder-se as nimias dificuldades inherentes ao assumpto d'esta dissertação. São ellas de tão notaveis proporções, que desconhecê-las corresponderia a cerrar os olhos á luz intensa da verdade. E nem se aquilate menos justamente o nosso proposito de nos abalançarmos á realisação d'um intento, a cuja importancia e gravidade deveriam ser proporcionados os obreiros que se propozessem desempenhal-o.

Somos dos primeiros a lamentar o apoucado vigor intellectual de que dispomos para obra tão subida; mas nem por isso esfriamos no nosso tentame que terá ao menos o valor de testemunhar a transcendente e momentosa importancia d'este assumpto que ha sido o alvo d'um injusto despeito,

incompatível com a dignidade das sciencias medicas.

Glorifica-se e exalta-se a medicina. Levanta-se um merecido pregão aos beneficios inconcussos que ella com mão prodiga espargue pela humanidade inteira. Os proprios adversarios d'este tão abalisado ramo do saber humano, os que a verberam injuriosamente e lhe vibram os mais impuros doestos,—esses mesmos testemunham a sua imbecilidade, abdicam e despenham-se da sua soberberia estulta, exorando dos ministros da medicina a debellação dos males que lhes torturam a existencia! Bem haja ella que abraçada fervorosamente ás suas crenças e desfraldando uma bandeira magestosa e santa, percorre com nobre altaneria o seu caminho, nem sempre coimbrão e recamado de flôres, mas trilhado com honra e dignidade, porque vai repartindo prodiga saude por todos os que, pobres d'ella, quasi assalteiam o medico para lh'a mendigarem! Aos inimigos que lhe movem uma guerra acintosa, aos que envenenam torpemente as suas intenções excelsas, responde ella, sanando enfermidades, levantando o nivel de organizações definhadas e contribuindo poderosamente para a obra sublime da prosperidade da familia e da sociedade!

Resposta digna e cabal! Que exigis mais? Não é a sua missão pelo menos tão nobre e augusta como torpe e nefaria é a guerra que lhe moveis, mal intencionados? Não traça a medicina o seu alto elogio, abrindo-se generosa e mãe para os que lhe são inimigos, dando balsamos e linitivos aos que a cobrem d'imprecações e aggravos? Se, loucos pertinazes, porfiaes em contestar o seu merito, deixando-a

nua de todo o valor, encontrar-nos-heis sempre vosso adversario acerrimo, que estimamos vêr a luz e a verdade onde insistis em idolatrar a mentira e as trevas! Será esta sempre a divisa que propugnaremos. E não deduzaes do nosso asserto, que nos propomos por mera teimosia inculcar a medicina como sciencia illibada de toda a macula e reunindo o *supra-summum* de perfeição. Não! Confessamos que ha tido seus erros, seus desmandos, suas aberrações. Teve uma idade de grosseiro obscurantismo, como hoje se vai librando formosa acima de bellos horizontes que não conseguireis offuscar. Representa uma dilatada arena em que se hão agitado idéas, apreciado e discutido factos, —em que se teem proclamado muitos principios cultos que formam valioso peculio.

Que ha sido da chimica, da physica, da astronomia e de tantas outras? Sabeis que foi mister o decurso de muitos seculos para desarreigar o obsoleto e impossivel *horror ao vacuo!* Sabeis que o famoso Gallileu foi violentamente accusado e vilipendiado antes que vigorassem as suas legitimas idéas sobre os movimentos do globo terraqueo! Não vai ainda longe o tempo em que se devassou o segredo das tempestades que por vezes se desencadeiam clamorosas sobre as nossas cabeças! Hoje a electricidade transmite a longiquas paragens o pensamento que lá queremos manifestar e traduzir. Lavosier decompõe o mixto atmospherico que nos circunda e dá vida.

E a medicina? Vêde-a radiosa, depois de sacudir as sombras que a empanavam no seu berço, fazer-se gigante em alentos que a vigorisam. Animosa vêmol-a atravessar seculos, dilatados seculos,

em que a não empecem syrtes damnosas. Não podia ella estacionar e paralyzar-se, quando as outras progrediam e se locupletavam. Foi por vezes, como hoje ainda, encoimada e menos justamente apreciada? Embora. É este um fatalissimo defeito inherente ao ser humano: olvidam-se os beneficios, para só não esquecerem os males. São indeleveis no espirito as sensações, legadas por uma borrasca que destroça uma seara, esperança fagueira do agricultor, —mas passa inapercebido o fresco e dôce rocio que a vivificara. Falla-se em Nero e Attila e esquece-se Jenner e Sympson. A invenção das metralhadoras faz mais ruido e impressão que a descoberta do sulfato de quinina.

Mas a despeito de todos os escolhos marcha a medicina e é grande entre as primeiras, avultando ufana com o cabedal opulento de que dispõe. Tem erros? defeitos? Sim, não os calamos, nem contestamos a sua existencia. Mas não queiraes decepar a arvore cerce, só porque está apodrecido algum dos seus ramos. Não se intente derrocar um edificio magestoso que tragou riqueza e tempo, —só porque incorre em leve infracção d'algumas leis architectonicas. A medicina tem peccados, mas por elles não devemos estultamente cobrir de vilipendio doutrinas de exalçado quilate que lá jorram a flux. Cuidem sim os talentos pujantes de a illustrar e corrigir-lhe os defeitos, e d'este modo contribuirão com o seu obulo para a grande obra da regeneração e aperfeiçoamento d'uma sciencia que illustram multiplicados titulos. E note-se mais que para exercer a medicina dignamente, é mister reconhecer-lhe a importancia e crêr n'ella. Esta é, entendemos nós, a base moral de toda a prática

medica! Exercel-a sem a crêr, é falsear a missão, é ser ministro sem convicções.

*

Porque o homem doente foi o primeiro alvo da medicina, a nosologia e a therapeutica são correspondentemente os seus ramos mais velhos. Foi mister que volvessem longos annos para encetar os estudos no homem são, estudos que poderiam e deveriam elles sós constituir base legitima e inconcussa de todo o trabalho medico; assim germinaram a anatomia e a physiologia que nos illucidam sobre as propriedades estaticas e dynamicas que tem os órgãos por theatro. Mas por outro lado, como é mais vantajoso e por vezes mais facil prevenir morbos que sustar-lhes a marcha, começaram de apreciar-se e medir-se os meios concernentes áquelle fim;—e como illação necessaria nasceu a hygiene. Ora em todo este longuissimo periodo a medicina tem reinado como arte, como profissão e como sciencia,—como tambem igualmente a therapeutica ha constituido a sua parte mais activa.

Com effeito a medicina não restringiu, e nunca deverá restringir os seus esforços a classificar e descrever as molestias, como os naturalistas classificam e descrevem os animaes e as plantas. D'essa maneira angariaria adeptos nas escolas e academias, lisongearia a memoria de Pinel, mas desprestigiaria-se-hia perante a humanidade enferma que exige remedios e não a discussão de theorias subteis.

Ainda mais; a medicina, que se propõe á investigação e descoberta dos arcanos da vida, é notavelmente differente da medicina que mira á cura

*

das molestias. Assim o dia em que a vida não tiver mysterios, será tambem o mesmo em que se firmará uma therapeutica estavel.

Para esta com effeito tendem todos os esforços e conhecimentos medicos. Limitada, no embryão das vetustas sociedades, á compaixão e empirismo, soube exaltar-se depois com os soccorros valiosos que lhe hão prodigalisado a physica, a chimica, a botanica, a anatomia, a physiologia, a pathologia e a clinica. Em todas ellas a therapeutica tem bebido as indicações, os methodos e os agentes para a indicação; sendo verdade irrefragavel que nenhum systema medico lhe tem recusado essa trindade. Mas ainda assim que erros, que decepções, que desmandos na confecção de toda esta obra!

Por outro lado é necessario não esquecer a influencia que em materia de therapeutica ha exercido a diversa interpretação e observancia do principio, anterior a toda a experiencia,—que um phenomeno qualquer é producto d'uma causa.

Com effeito é doutrina incontrovertida que o ponto de partida mais racional para todas as sciencias experimentaes é a acquisição do conhecimento exacto da causalidade; assim o melhor fundamento da medicina e nomeadamente da therapeutica será constituido por elementos que assignalem, quanto ser possa, as relações de causa entre os seus factos. Ha mesmo um instincto irresistivel a arrastar-nos para o conhecimento exacto das razões das cousas, e quando n'este sentido deparamos com alguma verdade, melhor explicamos os phenomenos e melhor dirigimos a sua producção;—d'aqui resulta pois notavel aperfeiçoamento da theoria e da prática.

Mas por outra parte quantas difficuldades surdem, quando se tenta devassar o laço mais ou menos mysterioso que prende o effeito á causa! Quantas vezes a imaginação um pouco trasviada affirma e diz encontrar tal relação, mentindo á realidade! E já não foi mesmo a idéa de causa impugnada e contestada por alguns philosophos? Que respondam os discipulos da philosophia de Condillac. Mas ainda bem que tal negação não ganhou terreno no campo medico, como ainda tambem não ganhou na opinião popular. Perante esta, quando se não atine com a causa exacta d'um certo factó, nem por isso elle deixa de receber explicação; inventa-se e phantasia-se, e quasi sempre um phenomeno celeste adquire os fóros de paternidade de certos acontecimentos notaveis. Um eclipse do sol póde presagiar uma guerra sangrenta, um cometa o finamento d'um general abalisado, d'um rei, d'um estadista,—uma aurora boreal um cataclysmo formidavel, capaz de mudar a face ao mundo. E note-se para vergonha ainda dos nossos tempos que estes prejuizos e estas superstições não se monopolisam na choça do pobre e do ignorante; impregnam frequentemente intelligencias robustas, e quantas vezes fazem verter lagrimas copiosas!

Ora em therapeutica os prejuizos e as illusões teem subido de ponto. Indigitem-me uma sciencia em que tenham sido mais supersticiosa e falsamente commentados os seus agentes e os seus successos. Sobretudo os que são mediocrementemente escriptulosos e menos sabios em assumptos medicos, dão interpretações as mais extravagantes e inverosimeis ácerca dos effeitos dos agentes therapeuticos.

A historia da medicina pela sua parte é igual-

mente um attestado vivissimo de quanto se tem devaneado e talvez mentido em materia therapeutica. Pois não será flagrantemente desarrazoado fazer depender d'um certo agente medicamentoso, applicado a um individuo molesto, toda a evolução, desastrada ou benefica, que segue a molestia? Na opinião vulgar e na de numerosos medicos a interpretação é essa. Se a molestia tem uma solução favoravel, exalta-se o remedio e glorifica-se o medico que o formulou; se o fim é funesto, ambos desafiám desapidadamente o horroroso anathema. De modo que se confunde ignaramente com a acção do agente therapeutico a evolução natural da doença, a actividade da economia, as idyosincrasias e outros factores importantes que figuram no problema. Quantas vezes se attribue á substancia medicamentosa o que pertence exclusivamente ás forças inherentes ao ser humano! Quantas vezes teem estas de reagir e triumphar da molestia e do inculcado remedio! E o que succede depois? É conferir-se a palma e todas as honrarias imaginaveis, a quem não pertencem nem de direito nem de facto.

Desgraçadamente é intensa a credulidade do nosso povo n'este ramo; julga satisfazer mais cabalmente o seu espirito, attribuindo antes a cura d'uma molestia a uma substancia muitas vezes inerte, do que a outras causas que o medico frequentemente lhe occulta por interesse proprio.

Ora é mister descerrar o véo e cortar por estas illusões que muitas vezes se apoderam tambem do espirito dos ministros da medicina e que tanta confusão teem lançado na prática d'esta sciencia. Não se exagere, nem se desvirtue o legitimo valor da therapeutica. Para bem d'ella é de todo o ponto

conveniente traçar os seus verdadeiros limites; pois attenuada ou encarecida demasiadamente na sua influencia, deve sempre promover males de grande alcance. Conheçamos os inaufereveis recursos que póde prodigalisar-nos, mas não esqueçamos igualmente que nem sempre são os mesmos os elementos de que dispõe.

Na verdade a therapeutica exercendo-se praticamente no homem mais ou menos doente, tem de respeitar ou relacionar-se com dados mui diversos, taes como—a idade, o sexo, a raça, a constituição, o temperamento, as diatheses, as condições de familia, da localidade, do clima, a profissão, os habitos, as idyosincrasias, a educação, a força moral, os vicios, as virtudes,—o que nos determina a asseverar que não podem dizer-se rigorosamente identicos dous doentes. D'esta fórma tem ella de discernir e responder ás exigencias igualmente imperiosas do physico e do moral, respeitando as disposições organicas como tambem as aspirações, as esperanças, as phantasias e os receios do coração. E este ultimo attributo da therapeutica é seguramente um dos mais egregios que ella póde encerrar, porque fornece á medicina prática um caracter de notavel grandeza. Mas ainda assim, se por um lado se reconhece a influencia salutar que a therapeutica exerce sobre as idéas e sensações, incutindo na economia do ser doente um bem estar ineffavel,—por outro lado não póde deixar de assinalar-se quão sério e agro é o papel do medico na interpretação e estudo das variadissimas manifestações do coração humano.

Demais torna-se mister sermos cautos contra as multiplices innovações em therapeutica e pru-

dentísimos na applicação de tantos agentes pharmacologicos que são lançados quotidianamente ao theatro medico. Ora esta prudencia e esta reserva não significam uma conspiração contra o progresso n'este ramo da medicina; pelo contrario testem-nham o respeito que lhe votamos e o acatamento em que temos a tradição, cuja auctoridade é ponderosa. Não somos retrogrado; somos pela manutencia da dignidade medica, a qual correria grave risco, se nos deixassemos arrastar apoz todas as innovações que vão enxameando na sciencia.

Em bem da humanidade, dissipem-se as illusões da therapeutica; não se exagere a confiança na acção dos seus agentes, e respeite-se religiosamente a influencia que na evolução da molestia podem ter as forças que dirigem o organismo humano. Cuide-se attentamente em sopear estes sophismas, cuja gravidade em medicina prática póde equiparar-se á dos seus erros; vigorise-se a verdade e precisem-se os factos, como hemos mister para beneficio da sociedade.

*

Fica revelado o nosso intento. Nas considerações que adduziremos, propomo-nos investigar como a therapeutica arrastada por uma falsa interpretação da causalidade, tem cahido em *illusões* gravísimas, creando por vezes o *scepticismo*. Depois soccorrendo-nos com os mesmos materiaes, concluiremos a segunda parte do nosso trabalho, apreciando os elementos d'uma boa *crença*.

O assumpto é, como se vê, momentoso e vasto. A indulgencia pois cubra o humilde obreiro a quem escasseiam talento e tempo.

PRIMEIRA PARTE

Oh nature, nature, quelle doit être ta puissance,
puisque'il te faut toute seule vaincre les maux qui
t'assailent de toute part, et les atteintes de l'igno-
rance qui leur prête des armes!

(DESBOIS DE ROCHEFORT.)

É nossa crença inabalavel que a multiplicidade dos systemas que teem successivamente imperado na arena medica, tanto não significa atrazamento e confusão, que muito pelo contrario é um documento inconcusso da vida e progresso da medicina. Nem se apregoe que são destituídos de séria justificação esses systemas. Verdade é que não merecem todos ser enthronisados e sublimados,—que não merecem absolutamente reputar-se impollutos;—mas riscal-os e cobril-os todos d'um despotico anathema é tropeçar n'um extremo condemnavel, é querer alluir irreverentemente um edificio, cuja feitura ha consumido multiplicados seculos.

Mas surdirá arrogante objecção:—esses systemas tão diversos, propondo-se inculcar principios tão oppostos e variados, traduzindo idéas tão diffe-

rentes, parecem evidenciar que a medicina é uma sciencia falsissima, urdida de hypotheses encontradas e fundada em erros intoleraveis. Impugnar-se-ha mais que sendo a verdade una e indivisivel, é pelo menos injusto o encomio que tecemos aos systemas medicos, e que a medicina, variando á mercê d'estas theorias, é um mero sonho ou uma fabula com ouropeis ridiculos, erguida ás cumiadas e honorarias d'uma sciencia illibada.

Não! É indispensavel não confundir com os seres prestimosos e esbeltos da creação os parasitas que vivem vida inutil e mofina. Não se considerem no gremio da verdadeira doutrina medica os falsos systemas e erroneas theorias, cujo reinado ephemero é o mais pujante argumento da sua execração;—seria um contrasenso lastimoso confundir a legitima sciencia com os ensaios scientificos que traiçoeiramente ambicionam usurpar-lhe o nome. É preciso saber encontrar a medicina onde ella está: isto é, na sua natural constituição. D'este modo concluiremos que, se muitos systemas são falliveis, a sciencia é imperecedoura; aquelles, sendo muitas vezes o producto de idéas predominantes no seculo em que germinaram, fenecem ingloriamente sem alterar o valor intrinseco e a pureza primitiva da verdadeira sciencia. Taes systemas, tão variados e tão encontrados, acham a razão da sua existencia na promiscuidade de objectos e phenomenos que a medicina abrange em seu seio.

Na verdade a economia animal, complexa como é, constitue ou representa uma primorosa machina em que os solidos e os liquidos são animados de forças que lhes dão vida; ha canaes, apparatus hydrostaticos formosissimos, roldanas, alavancas;

—ha o ar, ha o sangue e numerosissimos humores;—e tudo isto coordenado de maneira a constituir um maravilhoso conjuncto em que a vida é sabiamente espargida por todos esses multiplices elementos. Ora estes orgãos, estes tecidos, estes humores executam movimentos cruzados de composição e de decomposição, de secreção e de excreção. É grandioso espectáculo vêr como se dilatam e contraem todas essas carnes palpitantes de vigor; vêr como os orgãos se deixam irrigar e impregnar intimamente d'esses liquidos que em circulação lhes fornecem o estímulo e a nutrição.

Depois seja tambem sondado o espirito humano que superintende em todos estes instrumentos para a execução do concerto mysterioso de phenomenos que prendem o homem a si mesmo, á humanidade, ao universo.

E em vista de actos tão complexos a instabilidade dos systemas não podia deixar de traduzir legitimamente os ensaios proprios d'uma sciencia nascente; a medicina tinha de submeter-se á lei geral, e soccorrendo-se de tantos conhecimentos que lhe são facultados por sciencias diversas, necessariamente deveria ressentir-se, pelo menos temporariamente, do dominio d'alguns d'esses conhecimentos. D'esta fórma a medicina tem sido anatomica, physica, chimica, mechanica, astrologica, metaphysica, etc., e isto consoante as idéas da epocha e o pendor do espirito humano para esta ou aquell'outra ordem de estudos e observações.

No meio de todo este marulhar de opiniões, de systemas, de doutrinas,—a therapeutica tinha de correr o seu destino: curvar-se respeitosa diante de todas as versatilidades medicas e inculcar-se

hoje o que já não poderia ser amanhã. Empuchada n'este redopio e azafama, bebendo em todas as escolas e seitas, era forçada a contradizer-se quotidianamente e a navegar á mercê de ventos encontrados. Sopeada pela superstição e prejuizos populares, arrastada muitas vezes injustamente á realisação do velho adagio—*post hoc, ergo propter hoc*, victimada pelos proprios ministros da medicina,—ha a therapeutica sido juguete e ludibrio de todos aquelles a quem aprouve utilizar-se d'ella.

Ora abramos a historia. Percorramos os trmites da vida da medicina e façamos um summa-rio, um breve estendal das illusões da therapeutica que por vezes crearam ou degeneraram em scepticismo ferrenho.

Quando pascemos a nossa vista n'um vetusto quadro, não soffreamos o riso perante os adornos com que se arreiavam as deidades d'essas epochas e com os quaes ellas conseguiam todavia conquistar e fazer palpitar ardentemente os corações dos nossos honrados avós. E note-se que motejamos e nos rimos insensatamente, sem nos lembrarmos de que os vindouros nos cobrirão tambem de ridiculo, e tanto mais quanto é certo que nós mesmos na actualidade nos rimos já sorrateiramente das extravagancias da moda, atraz da qual nos deixamos ir. Assim igualmente exaltando-nos contra os erros dos seculos transactos, erros tão palpitantes, tão vivos, esquecemos tambem que ainda hoje se discute o pretendido poder febrifugo do sal commum.

É por esta razão que julgamos opportuno e vantajoso interrogar a historia: venham as illusões da therapeutica antiga illucidar-nos sobre a

presente. N'este perpassar pelas idades da medicina notaremos como o sangue é mandado verter abundantemente por uns, sendo por outros abominada a sangria; veremos uns abolindo a medicação purgativa, erguendo-a outros a proporções gigantes; — estes limitando-se a fricções, aquelles a sanguesugas; observaremos emfim como substancias as mais impotentes são proclamadas pelas cem trombetas da celebridade, e como o mundo curva a fronte reverente diante de tão portentosos idolos!

No meio de toda esta confusão, tendo sido o estonteamento em therapeutica tão vertiginoso e exagerado, perguntar-se-ha aqui á puridade a razão porque não está despovoado o mundo. Felizmente esta maldosa therapeutica, por mais graves prejuizos que podésse determinar, arcava sempre com um inimigo vigoroso, que não subscrevia a todas as suas exigencias desarrazoadas; este inimigo, este campeão denodado eram as forças do organismo, a natureza *medicatrix*, na linguagem verdadeira e grave do patriarcha de Cós.

Hippocrates, formulando e sancionando um codigo sublime de principios geraes d'uma therapeutica racional, marca uma epocha brilhante na historia da medicina. É bem conhecido o axioma que estatuiu: *Contraria contrariis curantur*, axioma que nunca mereceu as sympathias de Hahnemann. A este principio está subordinada a therapeutica hippocratica, therapeutica que vêmos ser acatada por medicos primorosos.

Todavia o genio pujante da medicina classica não escapou á enfermidade geral que acomette os espiritos ainda os mais lucidos; e dormindo algumas vezes, como o epico grego, despenhou-se

em illusões, filhas das difficuldades com que lutou tambem para apreciar a causalidade dos factos pathologicos, propendendo sempre a exagerar a influencia da força—*natureza*, que para elle era tudo.

Todos conhecem bem a celebre e milagrosa tisana de cevada, que, applicada em maior ou menor gráo de consistencia, era capaz de curar toda a humanidade enferma;—e assim a humillima substancia emolliente era no codigo pharmaceutico do filho de Cós erguida ás cumiadas da maior importancia therapeutica.

Depois os discipulos do ingente mestre, dogmatizando muito e observando pouco, banindo violentamente a observação e a experiencia e exaltando um raciocinio sem principios nem methodos, aggravaram ainda mais as condições lastimosas da medicina n'este ramo, exagerando os defeitos e depreciando um pouco as doutrinas respeitosas e sérias d'aquelle que lhes devera ser exemplo. Os dogmaticos, com Praxagoras e Dracon por chefes, postergando as lições severas da experiencia, foram arroteando o terreno para n'elle florescer o empyrismo.

Abusando estultamente do principio estabelecido pelo grande mestre—*Quó natura vergit, eó duendum*, exageraram o outro: *vomitibus vomitu curatur*; e assim succedia n'estes casos levar-se a applicação dos vomitivos até á expulsão, pela bôca, de substancias fecaes! Com effeito na medicação purgativa e vomitiva os dogmaticos commetteram os mais repugnantes excessos, que elles todavia nas suas lutas acerrimas com os empyricos porfiavam em cobrir com a capa de argumentos reputados sólidos.

Segue a escola empyrica.

Rival formidavel da escola dogmatica, levanta a reacção. O anathema é descarregado sobre os drasticos, os vomitivos e a sangria; e os *especificos* começam a ser o escopo para que tendiam todas as suas lucubrações e trabalhos. Os disparates e desatinos foram monumentaes em muitos assumptos de therapeutica; proscrevendo absolutamente o raciocinio, votaram-se a uma experiencia inalteravel e fatal. *Faciamus experimentum in anima vili*, gritavam elles; e cuidaram de *descobrir* um especifico para cada symptoma de qualquer entidade morbida. Longas e massudas formulas encerravam — por ex. mandragora, cicuta, myrrha, jusquiana, etc., sendo cada substancia *quadrada* a cada um dos symptomas.

D'esta fórma quantas vezes apregoavam os empyricos que haviam curado, quando com mais verdade deveriam dizer que não tinham assassinado!! Os bons serviços, que elles realmente prestaram á medicina, foram offuscados por aquelles desvarios; e no tempo de Galeno eram olhados como charlatães e negociantes de drogas...

Asclépiades, que calumniava os seus predecessores sem bem os conhecer, resolveu abandonar o estudo da rhetorica e a prática da eloquencia, e passou a estabelecer a sua theoria medica que em resumo admite o *strictum* e o *laxum*, que traduzem as relações entre os atomos e os poros do corpo. Escravo submisso da trindade—*tutó, citó et jucunde*, obrigava um doente atacado d'uma febre intensa a não dormir e a não usar de quaesquer substancias sólidas e liquidas, incluindo a agua; mas isto só por espaço de tres dias. Ao cabo

d'estes porém prodigalisava ao paciente tudo o que elle desejava!

Empregando uma therapeutica branda e agradavel, desterrando os evacuantes, usando mui parcamente da sangria, e deixando vir a sêde aos seus doentes para lh'a satisfazer depois voluptuosamente, o insigne medico angariava uma clientela numerosa, como nós hoje não logramos obter.

Mais tarde appareceu Themison. Celebre representante do methodismo, addicionou ao *strictum et laxum* de Ascléapides o *mixtum*, segundo o qual uma parte dos poros está muito apertada e outra muito aberta; o que é certo é que esta doutrina constitue a pedra angular da medicina organica e n'ella beberam Brown e Broussais.

Os *methodistas*, recommendando e encomiando a applicação de meios hygienicos e therapeuticos muito simples, prescrevendo banhos, loções, fomentações, algumas vezes tonicos, raramente purgantes e em casos extremos sangrias locais, empregavam uma medicina aprazivel para os seus doentes, embora pouco decisiva. Atreitos e escravos dos seus principios, encarando o estado presumido da pelle como devendo dirigir a escolha do tratamento, os sectarios de Themison cahiram tambem em muitos erros que a boa razão e a boa sciencia condemnam. Cital-os aqui seria abusar da paciencia dos que nos lêem; são sufficientemente patentes, para que os inculquemos agora.

Com Celso e Galeno despeçamo-nos da anti-guidade.

Do primeiro que foi rhetorico, philosopho e medico e cujas obras lhe conquistaram o epitheto de «Cicero dos medicos», podemos talvez dizer

que foi meio dogmatico e meio empyrico. Destinado pelo seu poderoso genio e pelas idéas que professava, a apreciar devidamente a acção dos agentes therapeuticos, cahiu todavia em desatinos flagrantes; lembremos a celebre formula tendente á cura das molestias do baço e em que figurava o vinagre, o nitro e a farinha de cevada. A cataplasma devia ser applicada na região propria por espaço impreterivel de seis horas; mais um minuto gasto e seria *derretido* o baço, a obscura viscera, cujo papel funcional a physiologia cuida ainda de surprehender.

Mais outra: um pessario de casca de romeira contusa na agua faz sahir do utero o feto, quando está morto. Que aprimorado iman de carne morta!

Galeno, cujo systema é uma mistura de vitalismo, de solidismo e de humorismo, é o mais abalitado medico antigo depois de Hippocrates. Admittindo a divisão do corpo humano em partes solidas, liquidas e motoras, subdividiu as primeiras em partes *similhantes* e *instrumentaes*, as segundas em *sangue*, *pituita*, *bile* e *atrabile*—e as terceiras em *espiritos naturaes*, *vitales* e *animaes*; como corôa e cupula de todas estas partes, como seu mobil e regulador, collocava Galeno a *natureza*, força-mãe e fonte de todas as faculdades. Possuindo abastados conhecimentos, mas incorrectos e um pouco baralhados, sobre anatomia, pathologia e semeiologia, foi arrastado a offuscar tambem com grandes erros a sua therapeutica, que ainda assim é uma das mais brilhantes na antiguidade.

Respeitando e obedecendo ás inspirações do grande mestre de Cós, conseguiu avantajarse no seu tempo como philosopho e medico; mas não ob-

stante predicados tão subidos, tropeçou como os seus antecessores em materia de therapeutica e o genio de Pergamo cria curar a hydrophobia com pó de caranguejo.

Perante a medicina arabica e romana, a therapeutica foi vilmente arrastada. Se não contestamos aos arabicos os grandes melhoramentos que introduziram na nossa sciencia, tambem não podemos calar-nos em frente dos males consideraveis que lhe causaram. Vergonhosas superstições que desfiguravam a religião e a sciencia, a traficancia em milagres adrede fabulados, a influencia de demônios e espiritos malignos, os exorcismos estultos, a acção presumida dos deuses sobre certos órgãos, a virtude medicinal das plantas subordinada a similhaças toscas, a nigromancia deificada,—tudo isto é argumento indisputavel ou das muitas trevas que cerravam e embruteciam aquelles espiritos ou do seu interesse e ganancia sordida. A therapeutica esteve assim reduzida, salvas excepções honrosas, a um joguete barbaro de que desgraçadamente é ainda hoje victima por vezes, principalmente nas classes ignorantes. Se é tão rasgado e natural o pendor para o erro e superstição!...

Mas galguemos a epocha um pouco tenebrosa da idade media e cheguemos á renascença.

A luz começa a raiar intensamente. Reacção energica se accentua para sacudir o peso incommodo das velhas formulas; e as obras de Hippocrates, lidas proveitosamente inspiram o gosto da observação. O naturismo, na sua formula mais aperfeiçoada, — o vitalismo, lança raizes largas em Paris, Montpellier e em outros emporios litterarios dos paizes civilizados da Europa. Tres seculos vi-

ram nascer Fernel, Baillou, Van-Helmont, Sydenham, Stahl, Hoffmann, Boerhaave e muitas outras perolas de toda esta pleiade conspicua que abraça e desenvolve os preceitos immortaes que formulara o pae da medicina.

Mas, não obstante os seus direitos incontestaveis á nossa admiração e culto, esses genios commetteram erros e faltas que, sendo praticados por sacerdotes tão egregiamente graduados, nos devem despertar a attenção—a nós, simples e humillimos acolythos na seita da medicina. Confundindo muitas vezes com os effeitos dos medicamentos o resultado da actividade do systema vivo, e discrepando na prática um pouco dos seus principios doutrinaes, quinhoaram igualmente do defeito inherente aos espiritos elevados. Assim Fernel, apaixonado como poucos pelo maravilhoso, inscreveu na sua *therapeutica universal* formulas absurdas, algumas das quaes lhe valeram este acepipe d'um dos seus detractores: *faeces Arabum melle latinitatis condivit*.

Joubert, um dos mais salientes campeões na cruzada contra os prejuizos do seu tempo e que cobriu de asperos sarcasmos os que falseavam a sua missão na prática da medicina, acolheu pela sua parte muitas das drogas gabadas pelos arabes e cahiu em muitas illusões therapeuticas, algumas d'ellas tão grosseiras como as que tão ardidamente combatera.

Baillon, vencido pelo jugo da astrologia e subordinando-lhe as suas idéas medicas, Van-Helmont abraçando com singeleza as illusões dos alchimistas e encomiando o sangue de bode como elixir maravilhoso—e Sennert estatuindo uma the-

rapeutica, resentida da influencia d'umas e outras d'essas idéas, contribuíram igualmente com o seu obulo para desvirtuar algum tanto este ramo precioso da medicina.

Estava destinado que a Inglaterra fosse o berço d'um homem de genio, que, offerecendo um caminho seguro aos medicos um pouco já desnoroados, conseguisse levantar dique vigorosissimo contra muitos dos erros do seculo. Com effeito Sydenham, adoptando fielmente o plano experimental, traçado por Hippocrates, prendeu-se pura e simplesmente á observação paciente e docil da natureza, como quem via que era o melhor meio de desvencilhar a medicina dos erros grosseiros que quasi a atrophiavam. A therapeutica do illustrado filho da Albion operou uma momentosa revolução na medicina prática. Condemnando o methodo tantas vezes prejudicial pelo qual os chamados *chimistas* tratavam a maior parte das molestias e nomeadamente as agudas, servindo-se de cordeaes, sudoriferos e excitantes,—aconselhou pelo contrario a applicação, sobretudo no começo das doenças, de bebidas diluentes, de banhos e de sangrias que constituíam o seu methodo antiphlogistico.

Todavia é forçoso confessal-o: a therapeutica do insigne medico está longe de não possuir muitas illusões como as que estamos analysando n'esta dissertação; elle mesmo na sua cançada velhice se arrependeu do muito que abusara da sangria e de muitos recursos pharmacologicos! Pois porventura podemos admittir as idéas que Sydenham professava ácerca de muitas drogas de cheiro empyreumatico e fetido, dizendo d'ellas que «preenchem

cabalmente a indicação de restabelecer os espiritos na sua direcção ordinaria?»?

Depois do medico inglez fallemos succintamente da therapeutica de Hoffmann, o sabio fundador do *solidismo* que enunciou a famosa proposição, mais tarde desenvolvida por Bonald:—o homem é uma intelligencia servida por orgãos. Este grande professor commetteu, como os antecessores, avultados erros; na materia medica de Peoffroy vem a extensa relação de medicamentos absurdos que evidenciam a escaleira infima até onde se desceu n'esta idade da medicina; n'ella vêmos indigitados os cabellos como capazes de curar a apoplexia e a epilepsia, a cêra dos ouvidos a colica, a saliva as febres intermittentes, etc., etc.

A proposito do que deixamos escripto, façamos aqui uma observação. Todos os dias nos erguemos contra os prejuizos populares, prejuizos a que muitas vezes temos de ceder ingloriamente. Mas quem os incutiu nas massas? Quem os iniciou e alentou? Os medicos.

Tudo o que ha de insensato e ridiculo nas tradições do vulgo, é um echo das antigas crenças medicas; antes das comadres e dos charlatães que infestam as nossas povoações deram os medicos o pretexto ás abusões. Quando na Europa se encetaram as applicações therapeuticas da quina, foram primeiro as escolas e depois o povo que se levantou contra ella. *Credite, poster!*...

Parece mesmo que os erros e as illusões em vez de serem dissipadas pelo decurso dos annos, pelo contrario se exacerbavam e mais seguramente se enthronisavam. Vejamos.

Haller, enthusiasnado com os effeitos da nota-

vel revolução que operara no campo da physiologia, Haën dedicando-se a uma prática algum tanto rude da medicina—e encerrados ambos no campo que se haviam traçado, arrastaram a therapeutica a um estado pouco lisongeiro. Com effeito, ainda que práctico abalisado, Haën, desvairado com os phenomenos da magia a que ligava summo interesse, tornou-se demasiado credulo;—e postergando *in limine* toda e qualquer theoria, teve de aceitar (e quem sabe se robustecer) muitos e avultados prejuizos populares.

Mas fechemos com Stoll esta galeria dos mais distinctos medicos hippocraticos. Ainda a este insigne práctico não valeu de muito o desvencilhar-se de abstruzas idéas sobre astrologia e inspirar-se no progresso notavel do seculo em que viveu; tendo uma falsa concepção de certas molestias, dando uma errada interpretação á causalidade d'alguns factos pathologicos e descurando por vezes o estudo da acção de certos medicamentos, chegou a commetter despropositos em therapeutica. Basta recordarmo-nos d'aquelles famigerados caldos de vibora que elle instituiu «contra a febre lenta produzida por um acre psorico, dartooso, muriatico, etc.»

Mas, se a chronica de illusões e sophismas em therapeutica é avultada na seita hippocratica, na pleiade dos medicos, que foram infieis á seita de Cós, os erros e as superstições são d'uma magnitude espantosa. Encaremos só e mui succintamente os chamados *chimistas* e os *mecanicos*.

Os primeiros, ignorando quasi absolutamente as leis das sciencias medicas, pretendiam ardidamente que fossem analogas ás da chimica que ain-

da então mal sabia do berço. Silvius professava e apregoava uma therapeutica conforme o principio da sua pathologia; fazendo depender todas as molestias d'um excesso d'acido, instituia alcalinos prodigamente para o neutralisar. Foi d'esta maneira que elle intentou arcar com uma epidemia devastadora que roubou ao mundo a sua propria mulher. O *mathematicismo* ou *mecanismo*, de que uma das melhores obras foi chamar a attenção para o estudo da acção do systema nervoso, abriu uma therapeutica sobre dados mecanicos, hydraulicos e mesmo chimicos; a arte consistia em restituir aos solidos seu grau normal e natural de tonicidade e elasticidade, e em dar curso livre e facil aos diversos fluidos, prevenindo assim a sua accumulção e engorgitamento. Muitas d'estas idéas todavia confundiam de tal modo o espirito dos sectarios de Borelli, que os erros em therapeutica pullularam.

Passemos a analysar rapidamente tres grandes systemas que ainda nos restam antes de chegar ao estudo da therapeutica contemporanea; são os systemas de Brown, de Rasori e de Broussais.

Segundo a opinião de Brown, o celebre professor d'Edimbourg, o organismo é quasi totalmente despido de actividade espontanea para só gosar da propriedade ou faculdade de ser incitado, sendo mais energica a necessidade d'incitação no estado de doença do que no de saude.

D'esta maneira póde já prevêr-se a latitude que daria á chamada medicação estimulante. O vinho, pelo qual são tão expansivamente apaixonados os filhos da formosa Escossia, occupava um logar nobilissimo na lista therapeutica do nosso medico.

«Era a bebida predilecta que o professor d'Edimbourg prescrevia aos seus doentes e da qual muitas vezes partilhava com elles, talvez para robustecer o preceito com o exemplo.....»

O mais curioso é que estas idéas tinham nos diversos paizes da Europa uma aceitação que estava na razão directa do apreço em que era tido o licôr de Noé! Ao menos quando se morria, era jovial a despedida. Comtudo o fogoso mestre apregoava as suas doutrinas em nome da experiencia e de muitas curas; negando a actividade da economia e *ipso facto* a força *medicatrix*, attribuia o exito favoravel de qualquer molestia exclusivamente á sua energica therapeutica.

Rasori, menos fogoso e mais comedido, ainda a principio acatou as doutrinas de Brown, mas depressa quasi as abjurou, quando viu a sua inefficacia por occasião d'uma epidemia de typho; promoveu de prompto um reviramento no *brownismo* e foi d'este modo aberta a dissidencia. Reconhecendo a inconveniencia da medicação excitante n'uma molestia determinada, entendeu que convinha a todas a contra-estimulação.

Ora quem póde calcular o que soffreriam os pobres doentes n'estas lamentosas circumstancias?! Prescrevendo-se ora excitantes, ora debilitantes em molestias da mesma natureza, estas corriam o risco de se aggravarem; e, se muitos pacientes escapavam, quasi se póde dizer que era tanto da molestia como da *cura*: com effeito na economia humana ha uma força salutar que beneficia os proprios que contestam a sua existencia!

O que se vê por outro lado é que os systemas de Brown e de Rasori constituem dois extremos

que se tocam, e nem se póde dizer que os climas e as constituições medicas explicam as opposições therapeuticas dos dois systemas. Se assim fosse, deveria a medicação debilitante ser largamente usada por Brown e a estimulante por Rasori; a razão d'esta applicação estaria nas condições climatericas dos paizes dos dois vultos medicos.

Fallemos de Broussais. Este talento pujante, que considera o conjuncto organico todo entretido e ligado por *sympathias*, encara tambem a molestia, como não sendo mais que uma sobreexcitação d'uma das partes do organismo e a emoção sympathica que n'elle se realisa. De modo que póde affirmar-se que o contra-estimulo de Broussais é menos geral que o de Rasori; aquelle é sempre realiado por sanguesugas e dirige-se a um só orgão que nove vezes sobre dez é o estomago.

D'esta fórma a therapeutica soffreu enormemente e com ella os doentes submettidos ás prescripções broussaisiannas.

Como contestar a natureza diathesica á syphilis e consideral-a como simples irritação que devia desaparecer com a dieta e sanguesugas? Como admittir a possibilidade d'uma cura radical de certas molestias do apparelho digestivo, fazendo-se mera applicação d'aquelles annelides? Ainda bem que raiou o dia em que se delimitou o que havia bom e o que havia mau n'este systema.

Desgraçadamente foi subido em excesso o preço, porque se conseguiu desmascarar o erro. Foi mister que uma molestia temerosa, desenvolvida depois da conquista d'Argel, victimasse muitos soldados francezes os quaes não poderam salvar-se com as sanguesugas. Os pobres annelidos fugiram

diante da quina, depois de terem ainda assim dado ensejo a um morticínio não menos cruel, que o que haviam produzido as balas.

.....
Mas perguntar-se-ha: qual é o proveito real deduzido d'este bosquejo historico? Para que é o indigitar os erros e demasias da therapeutica de Hippocrates, dos dogmaticos, dos methodistas, de Galeno, de Brown, de Broussais e d'outros? Pois não são já da historia esses vultos medicos e esses sistemas? Por outro lado o nosso seculo não é já sufficientemente illuminado pela civilisação de modo a tornar inutil esta vista retrospectiva?

Distingamos. Presentemente o progresso das sciencias e a critica historica teem contribuido para abolir muitas illusões e para attenuar a excessiva credulidade do povo; mas é verdade indestructivel que para os erros em therapeutica ainda não soou a hora derradeira. Pois não tem vida folgada a seita homœopathica? Pois não ha medicos em numero avultado, que pretendem, com alguns nomes latinos, capa coitadora de erros inadmissiveis, disfarçar e esconder a incompetencia do systema capcioso que adoptaram?

Leiam-se as obras dos sectarios de Hahnemann e preste-se attenção aos *multiplices* effeitos physiologicos e therapeuticos que sobre o homem é capaz de exercer um dos muitos globulos homœopathicos aos quaes a arte pharmaceutica tornou inertes. Por um lado o dr. Bigel diz-nos da *cicuta virosa*, attenuada até a fracção decima-myllionesima, que produz embriaguez, perda de idéas e dos sentidos, imbecilidade,—dez minutos depois de se tomar o remedio.

Stannum (o estanho) em fracção billionezima não é menos temeroso nos seus resultados, pois determina—perda de memoria, vertigens, decomposição physionomica, pequenos abcessos purulentos no angulo do olho esquerdo, desejos venereos desenfreados, tísica pulmonar, misanthropia, etc. E note-se que são preclaros muitos dos espiritos que assim se despenham n'estes erros lastimosos.

Não soffrerá remorsos pungentes quem tão temerariamente attribue uma serie de effeitos horripilantes a fragmentos diminutissimos, como os que mencionamos? Que exquisita impressionabilidade seria a d'esses organismos em que Hahnemann e Bigel executaram as suas experiencias? Quem de boa fé reconhecerá em globulos quasi microscopicos essas virtudes therapeuticas de que tão encomiasticamente se applaudem certos clinicos, que com modos sybillinos rodeiam de maravilhas a sua seita? Com que direito pretendem os homœopathas ter achado especificos para a maioria dos factos morbidos? Que incriveis illusões!

Na agua que bebemos, no ar que respiramos, na carne que comemos, podem entrar particulas de ferro, de arsenico, de potassa e de cobre, que todavia não nos victimam;—*stannum*, a horrorosa substancia que promove a consumpção pulmonar e produz abcessos purulentos no angulo (!) do olho esquerdo (!),—é a despeito de tudo isso o metal com que se fabrica a baixella de quem é pobre e que serve de vehiculo a grande parte da sua alimentação.

Mas—portento! basta que aquellas substancias penetrem os áditos dos laboratorios e institutos homœopathicos,—que se reduzam a porções infi-

nitesimaes, que se velem com um segredo insondavel, que se traduzam por nomes latinos, que se façam pagar por preços exorbitantes—e lá vão ellas, competentemente habilitadas, operar curas maravilhosas ou arcar com toda a responsabilidade pela evolução da molestia!

Ora isto não é sério e probó! Aos homœopathas que dizem sanar todas as enfermidades com os seus encantados globulos e para quem é em extremo vantajosa a crença (?) no *post hoc, ergo propter hoc*, responderemos donosamente que Van-Helmont fez tambem curas miraculosas com o seu elixir de longa vida, que era preparado com sangue de bode. Queremos dizer: Um e outros, arrastados pelas idéas a que dizem votar preito inalteravel, olvidam a influencia das forças naturaes do organismo, para só encomiarem fervorosamente os agentes pharmacologicos que mais lhes conveem.

Mas não se confunda a especção em therapeutica com os effeitos de substancias energicas; não nos esqueçamos de que muitas vezes teem as forças que dirigem o organismo de lutar só com a molestia, e de que em outras teem de reagir contra ella e contra uma polypharmacia irracional. Ora a homœopathia exerce-se no primeiro caso, reduzindo-se á quasi especção.

Ainda assim do mal o menos; antes Hahnemann com as suas diluições, dynamisações e dósés infinitesimaes, do que Broussais com o seu desvairado ardimento pelas sanguesugas!

Mas fechemos estas considerações.

Se os homœopathas permittem que encaremos a sua therapeutica como mera especção, estamos d'accordo pleno; mas, se porfiam em exalçar até ao

pinaculo da inviolabilidade as suas idéas medicas, formulando-as e cunhando-as com as feições de verdadeiro systema, não calaremos a nossa insurreição contra erros que são perversos.

É asserto irrefutavel que os sectarios, apaniguados de Hahnemann, prestaram valiosos serviços, e entre outros a simplificação das formulas therapeuticas, que até ahi eram massudas e tediosas; mas (parodiando um poeta nosso) tão pouco de virtude basta para esquecer-lhe os erros?

*

É velho e giganteo o certame entre vitalistas e organicistas.

Desde Themison a luta ha sido infrene e as duas bandeiras são desfraldadas ao sôpro de ventos desencadeiados; nomeadamente em epochas recentes a peleja entre as duas abalisadas escolas tem assumido proporções formidaveis. São dois brigosos leões que se entre-chocam com bravosidade e sangui-sedentos, esforçando-se um pela ruina do outro. E o que ha sido a therapeutica nos dois campos? Vejamos.

O *organicismo*, porque olha a vida como filha da organização da materia, olha *ipso facto* a molestia como ligada a qualquer lesão d'essa materia, lesão que póde ser clara ou obscura e verificar-se nos solidos ou nos liquidos. Encarando o corpo como subordinado principalmente ás leis do mundo physico, o organicismo descarrega golpe despiadoso e irreverente sobre a *força medicatrix* do velho Hippocrates, esta actividade espontanea e intima que na opinião dos vitalistas superintende em

todos os actos hygidos ou não hygidos do organismo e sem a modificação da qual não pôde existir molestia.

O que será pois a therapeutica perante o solemnne tribunal dos organicistas? Tomando-se a molestia na conta d'um factio todo material, não se verá tambem forçada a sê-lo a therapeutica? Certamente; e os agentes therapeuticos não poderão pôr em acção forças differentes das que possuem e d'aquellas sobre que vão exercer-se; e por isso os organicistas teem de encarar o medicamento como um agente que, pela sua acção chimica ou physica sobre o organismo, é capaz de restituir a normalidade aos órgãos e fluidos alterados. N'estas circumstancias, dando-se ao agente medicamentoso as honras de ser elle só que exerce toda a influencia therapeutica, não pôde contestar-se que a acção de tal agente é meramente physica ou chimica; o remedio obrará sem o intermedio d'outras forças que não sejam as suas. Não importa que o medicamento produza resultados muitas vezes invisiveis e intangiveis; os organicistas explicarão sempre o factio, invocando adrede a deficiencia dos meios da analyse e dos nossos sentidos!

Por outro lado as impressões affectivas, deprimentes ou jucundas, resultantes frequentemente do contacto d'um agente inorganico com o corpo vivo, são olhadas pela escola organica como fóra do progresso scientifico e d'uma observação exacta.

Ainda mais: pelo factio de serem modificadas as condições physicas, chemicas e mecanicas do organismo, quando se faz a applicação da dieta, das emissões sanguineas, do gêlo, etc., — não nos julgamos auctorizados a filiar aquelle resultado unica

e exclusivamente na causa a que os organicistas ligam toda a importancia.

E a medicação especifica?—Todos concordam em que a maneira d'acção de taes agentes therapeuticos é ainda hoje bastante obscura e quasi merece ser provisoriamente excluida da verdadeira sciencia, da sciencia racional; todavia os organicistas, não detidos por considerações estranhas ao seu modo de pensar e mirando sómente a inculcar como infalliveis as suas doutrinas, não duvidam de traçar aos medicamentos especificos uma acção physico-chimica, á qual devem exclusivamente ser ligadas quaesquer modificações que porventura taes agentes promovam na economia humana. Mas porque razão se consideram os especificos como actuando á maneira d'outros remedios cuja acção chimica é mais ou menos apreciavel, e não é a acção d'estes considerada como a d'aquelles? Será porque uns exercem a sua influencia d'uma maneira perceptivel para os nossos sentidos, ao passo que os outros a exercem tão obscuramente?

Mas vamos adiante e analysemos mais alguns dos lados pelos quaes é vulnerarel a therapeutica dos organicistas. A prática quotidiana acclama o ferro como o mais prestimoso remedio da chlorose, molestia que consiste em uma diminuição dos globulos rubros e do composto marcial que faz parte d'esses globulos. Que é mister pois para debellar uma tal entidade morbida? Fazer a ingestão de ferro que irá reparar directamente as hematias, uma simples operação chimica que tem como theatro o organismo chlorotico. É esta a doutrina dos organicistas, quando é certo que o ferro não cura a chlorose contribuindo immediatamente para au-

gmentar a dóse do preparado marcial que faz parte da constituição dos globulos rubros; ainda bem que Pidoux e Trousseau souberam dar um solemnissimo desmentido a uma tal interpretação dos organicistas puros.

Ainda mais. Quando a molestia se desvanece com a mera applicação de meios dieteticos, a cura traduz, na opinião dos organicistas, o exito d'uma serie de reacções chimicas, que, combinando-se por um jogo particular, promovem a reintegração do estado normal do organismo. Assim, a aprazimento da escola organica, toda a evolução e marcha da doença está dependente estreitamente de meros actos physico-chimicos, e as forças naturaes que dirigem o machinismo humano são desprestigiadas e confutadas. Veja-se até que ponto se demasiam os organicistas exaltados!

E que diremos d'aquelles que sendo ardidos chimicos em theoria são todavia forçados á beira do doente a admittir a influencia d'uma força natural dirigindo a organização humana? Como classificaremos esta transigencia *in partibus*? Que é da invulnerabilidade e da coherencia das suas idéas, quando concedem á natureza um papel ainda que secundario?

No campo do organicismo, arvorado o medicamento em *totum continens*, será só elle abençoado quando a molestia fôr jugulada, e identicamente só elle execrado quando a morte vier fechar o cyclo d'uma existencia tormentosa. Assim o sulfato de quinina, as sanguesugas e os narcoticos que teem sido encomiados por numerosos clinicos na cura da febre typhoide, hão desafiado o anathema d'outros; e isto unicamente porque as forças natu-

raes do organismo assim molesto nem sempre podem vantajosamente arcar com a impetuosidade da molestia e não poucas vezes tambem com o inculcado remedio, cuja errada posologia e extemporaneidade arrastam a cruelissimos resultados.

Ainda mais. Segundo a opinião dos organicistas os symptomas são phenomenos exteriores sem outro laço que não seja o que os prenda á lesão; de maneira que, se não existir tal nexu ou não fôr claramente percebido, o symptoma não será mais que uma perturbação sensível de causa incognita e que deve ser combatida isolada e directamente, visto que não póde ser atacado o principio. D'esta fórma cura-se de jugular o symptoma, logo que elle seja apparente, physico, exterior; suspender-se-ha a hemorrhagia, logo que ella appareça; purgar-se-ha, logo que haja constipação; dar-se-hão tonicos se o pulso fôr debil; sangrar-se-ha, se o pulso estiver forte, etc., etc., e tudo isto, que é um irresistivel pendôr para o mecanicismo, exercer-se-ha, sem ser ouvida e considerada a natureza intima do facto pathologico.

*

Todos estes devaneios e illusões em therapeutica haviam de necessariamente produzir a sua natural consequencia; com effeito a luta arrojada entre os diversos systemas medicos, a contingencia de muitos principios que elles apregoam como estaveis, a descrença que começou de germinar em muitos espiritos, crearam fatalmente o methodo numerico. «Apeie-se o raciocinio do seu immerecido pedestal, e exerça-se meramente a observação dos factos.» É este o grito de alarma, levantado

por alguns abalisados clinicos que reputaram justo erguer as suas iras contra muitos systemas medicos.

Assim em conformidade com os principios que se impozeram, principiaram a riscar numerosas substancias do quadro da sua pharmacologia e recorreram ambiciosamente á chimica moderna que lhes prodigalisa muitas outras recentemente descobertas. Numerosos remedios começaram a ser ensaiados em individuos atacados da mesma molestia, dando-se a palma ao remedio que no mesmo numero de doentes curava mais em menos tempo. Á primeira vista nada achamos mais seductor que o methodo numerico que por outro lado possui a ingente vantagem de ser creado depois de tanto se ter devaneado e mentido em materia therapeutica; mas para que tal methodo attingisse conclusões justas e verdadeiras, era indispensavel que para cada molestia, sobre que se effectuassem experiencias, fossem identicos os casos observados que deveriam consequentemente ser adicionados para se formar um numero destinado a ser comparado com outro numero. Era além d'isso mister que o remedio fosse sempre o mesmo e que não divergisse a sua acção sobre os differentes organismos; era finalmente necessario que houvesse entre a administração do agente pharmacologico e os phenomenos, que se lhe seguissem, não uma relação de mera successão, mas uma legitima relação de causalidade.

Mas desgraçadamente não se realisam estas condições, das quaes umas prendem com o remedio e outras com o doente. Ora poderemos nós admittir como rigorosa e essencialmente iguaes dois factos

pathologicos que o são apparentemente? Pois não é verdade incontestavel que, sob uma mesma capa de symptomas e lesões, as doenças pódem apresentar notabilissimas differenças, devidas ao sexo, idade, temperamento, idiosyncrasias do doente e ás constituições medicas, endemias, epidemias, etc.?

Veja-se o que succede com a pneumonia á qual pódem assignar-se diversas fórmas: inflammatoria, adynamica, biliosa, remittente, etc.; além d'isso mencionaremos a pneumonia das creanças, dos adultos e dos velhos, que muitas vezes são radicalmente differentes umas das outras. Ora como a arithmetica não permite que se addicionem senão quantidades da mesma natureza e avaliadas por meio da mesma unidade, não nos será possivel igualmente sommar pneumonias de fórmula adynamica com pneumonias francamente inflammatorias.

Além d'isso os effeitos dos remedios pódem identicamente promover muita incerteza que abalará o methodo numerico; e assim os erros pódem nascer ou da preparação do medicamento ou do dolo praticado pelo doente, que sabendo-se theatro d'uma experiencia, póde esconder arditosamente o remedio e asseverar ao clinico que fizera uso d'elle.

Mas, sobretudo, ser-nos-ha licito cotejar entre si os effeitos d'um mesmo medicamento, quando é certo que os organismos pódem offerecer fundas dessimilhanças? Pois não observamos nós todos os dias que uma sangria póde promover resultados beneficos n'um doente, produzindo-os maleficos n'um outro, accommettido da mesma molestia? Não é do dominio da observação quotidiana nas nossas enfermarias de clinica cirurgica ser anesthesiado

um individuo com limitadissima porção de chloroformio, quando outro carece de consumir dóse avultada para cahir no lethargo anesthesico?

Mas encontramos ainda mais momentosas objecções para oppôr ao methodo numerico. Ser-nos-ha possivel attribuir a um certo agente pharmacologico, applicado a um organismo molesto, toda a evolução que o morbo percorre? Pelo factó de haverem sido curados oito sobre dez doentes *depois* da applicação dos calomelanos contra a febre typhoide, deveremos concluir que a cura foi realisada *por causa* d'este preparado mercurial? Certamente não deduziremos tal asserto. E assim o methodo numerico que á primeira vista é tão attrahente, arrasta ao mais triste scepticismo; é uma porta franca para nos despenharmos no empirismo, que modernamente experimenta uma resurreição e lança novas raizes.

Mas não sejamos Democrito perante estas scenas que só inspiram compaixão! O empirismo de recentissima data, com os seus europeis e louçanias, affigura-se-nos mais perigoso que o empirismo medievido. Sirva-nos de lição proveitosa o estendal de miseraveis erros que tem promovido a má interpretação da therapeutica na febre typhoide.

Se a pathologia d'esta febre está adiantadamente estudada, não succede outro tanto com a therapeutica que lhe deve ser instituida; e todavia é prodigiosa a lista dos remedios que teem sido preconisados para debellar aquella molestia: a hydrotherapia, os tonicos, os estimulantes, os narcoticos, os mercuriaes, a sangria, os purgantes, a alimentação forçada, etc., todos estes agentes hão sido encomiados para o tratamento de todos os pe-

riodos da febre typhoide. E o mais interessante ainda em tudo isto é que qualquer dos remedios que indicamos, é nimiamente recommendado pelos seus apaixonados e sustentado em notaveis estatisticas; ora como poderão estas conciliar-se satisfatoriamente, se traduzem resultados pouco harmonicos, não obstante ser a mesma a entidade pathologica a que se referem taes estatisticas? Se o emprego constante das sangrias na febre typhoide dá excellentes effeitos, o uso constante da quina ha de necessariamente prejudicar; se oito sobre dez curas são devidas á medicação purgativa, de certo não podemos attribuir o mesmo numero á alimentação forçada. E todavia os inculcadores de cada um d'estes agentes therapeuticos citam numeros para comprovarem que o seu remedio merece ser o primaz!!...

Como dar-lhes credito? Reputamos e sempre reputaremos excessivamente nocivo o proceder de certos clinicos que, pelo facto de se seguir a cura d'uma molestia á applicação d'um certo medicamento, correm logo a exaltal-o freneticamente, quando elle muitas vezes nada promoveu em beneficio do organismo! Ora, como este exemplo da febre typhoide, poderíamos citar as febres intermitentes, o colera e outras entidades morbidas para as quaes a prodigalidade de remedios é pasmosa.

No fim de tudo relevemos todas estas faltas commettidas em therapeutica; não são ellas filhas de certos homens ou de certas epochas, mas sim uma manifestação do espirito humano que é capaz de magnificas e opulentas descobertas como de aberrações formidaveis.

SEGUNDA PARTE

Il y a un homme intérieur qui gouverne l'homme extérieur, c'est-à-dire ces muscles, ces chairs que l'anotomiste separe, mais d'ont il ne trouve plus le moteur.

(SYDENHAM.)

É voz unanime que a therapeutica constitue o alpha e o omega da pathologia.

Decepai esse ramo tão frondoso das sciencias medicas—e a medicina transformar-se-ha em mero assumpto de curiosidade e de luxo mal entendido, merecendo a parceria e cabimento ao lado da numismatica.

Assim o medico a quem a tradição ha incensado com os perfumes d'uma excelsa e justa veneração, instigado d'esta maneira a percorrer os longos arsenaes da pathologia, tendo como unico mobil a curiosidade, archivando e classificando os factos como um colleccionador de numismas,— não corresponderá á missão nobilissima que lhe é traçada, missão de sacerdote augusto d'esta quasi religião medica que prodigalisa egide segura á humanidade enferma.

Deve pois existir a therapeutica, porque existe a pathologia; mas deve ella viver uma vida desanuviada dos erros grosseiros que lhe roubam o esplendor e entibiam o progresso. Assim a entendemos e assim a queremos.

E este anhelado vivido e esta crença purissima de quem ainda é tão joven nas lidas da medicina, —porfiaremos em alimentar-a como quem está profundamente convicto de que é esse o mais sublimado padrão que póde levantar-se em honra da sciencia que praticamos e estudamos.

Na primeira parte d'esta dissertação rastreamos a historia da therapeutica, tendo por unico escopo o desvendar algumas das superstições, erros e sophismas que teem enxameiado e inquinado a medicina prática. Mas depois de arruinar, faz-se mister constituir. Apoz a exegese das mais vultuosas falsidades em therapeutica, urge fabricar novo edificio, apreciando as condições em que póde e deve firmar-se uma crença solida n'este importante assumpto que estudamos.

Patenteie-se a verdade e a realidade depois da exposição de tantos desvairamentos e demasias que são um labéo em medicina.

E quaes serão os principios que merecem constituir a base legitima sobre que deve assentar a therapeutica racional? Seja-nos licito remontar mais uma vez á doutrina classica de Cós. Hippocrates, o sapientissimo iniciador da escola vitalista, traçou as memorandas e imperecedouras palavras:—a natureza cura as molestias.

Eis-aqui a pedra angular d'uma doutrina, que, a despeito dos golpes desapiedados que lhe teem sido violentamente vibrados pelos adversarios, ha

todavia percorrido altaneira e magestosa dilatados seculos, confessada sempre na crença fervorosa que lhe votam espiritos preclaros. A *natureza* que deu impulso ao universo, — a *natureza*, que, no dizer de Hippocrates, é a causa que preside a todos os movimentos organicos e vitaes, é igualmente a mesma força capaz de reagir mais ou menos energeticamente contra a molestia, operando o restabelecimento da saude.

Ora esta doutrina do abalisado mestre de Cós, doutrina veneranda e insigne, é no seu amago o vitalismo que apregoa justamente que o homem seria incomprehensivel sem uma força, que, organisando a materia, sustentasse depois essa organização, superintendendo com uma alçada soberana todos os actos funcçionaes que se desempenham na economia humana. Esta força espontanea e providencial que nos alenta a vida, é a mesma que reage contra as impressões morbigenas, curando ou alliviando! E um benefico estimulo, um mobil interno, espontaneo, intimo, a cuja existencia é ligada a existencia d'esta obra prima do habilissimo architecto,—o ente humano que todavia está votado incessantemente a todas as causas de molestia e á eminencia d'uma morte prematura. Com effeito a harmonia do mundo abalar-se-hia, se a idéa de doença e nomeadamente de doença espontanea não fosse congenere com a idéa d'uma tendencia salutar e espontanea para a cura. Rasgai ou desdai este precioso laço, este nexo intimo, necessario, fatal—e surdirá um estado cahotico, flagrantemente incompativel com as luzes do seculo que atravessamos.

Sob este aspecto, o homem sem abjurar e sem

ser offuscado nas suas elevadas faculdades intellectuaes que o exalçam até ao pinaculo de todas as honrarias de rei da criação, — nivela-se todavia com os outros animaes do universo. E como será licito conceber a existencia d'estes sêres sem uma actividade medicatriz interna? Quem cura o leão, que se retira muitas vezes mal ferido d'uma luta ardida e sangrenta? Se no seu fundo e essencia os actos digestivos, respiratorios, nutritivos e geneticos se nos antolham identicos nos entes da escala zoologica, o homem deve, como os outros animaes, possuir em si mesmo esta força vigilante e auctorizada, que por impulsões beneficas traça por vezes admiravelmente o que se faz mister para a manutenção da saude e cura das molestias.

Possue o homem este esforço livre e abalisado do seu intellecto? Mas não esqueçamos que estas excelsas faculdades não o eximem da regra commum, e só lhe permitem adquirir a noção do que é vantajoso e do que é inutil.

Foi assim que surdiu gloriosamente a therapeutica racional, a qual está *ipso facto* arvorada em coadjuvadora da força natural que regula a organização, força sublime que aspira á unidade, á procreação da prole, ao amor, a tudo o que é prazer inefavel,—mas que arca e repelle, como inimigo vigoroso tudo o que seja nocivo e doloroso.

Ainda mais: entre o progresso da civilização e o progresso das sciencias medicas a correlação é das mais estreitas e intuitivas. Assim a magna extensão da vida social e o crescimento successivo das necessidades, teem cooperado prodigiosamente na criação e desenvolvimento de novas paixões,

habitos e appetites que numerosas vezes compromettem a saude do homem. Se pelo influxo da sua vontade, este se furta providamente ás demasias intellectuaes, póde cahir em desregramentos e excessos materiaes, que são capazes de determinar um perecimento inevitavel.

Mas ao lado d'estes males avultam os beneficios que lhes são uma compensação logica. Não é verdade que a natureza collocou a par do veneno o seu antidoto e ao lado do perigo o soccorro e a egide? Se a etiologia das entidades morbidas adquire um incremento de vastas proporções, é igualmente incontestavel que as conquistas do bem são vultosas e animadoras. Não nos demonstram as estatisticas modernas que a media da vida tem crescido, não obstante a multiplicidade das influencias nocivas que pezam brutalmente sobre as massas ingentes da população? Ora não é este resultado uma consequencia primorosa do conhecimento mais exacto da força natural que superintende todos os diversos actos da organização humana?

E que nos attestam os indigenas de numerosas regiões do mundo, tão safaras em cousas do espirito, como uberrimas em produções industriaes? Qual é o progresso da medicina n'essas paragens? E nem por isso os sertões da Cafraria e de Beloutchistan estão despovados. Com effeito, se contra a hyena ferocissima os indigenas arremessam destramente as suas frechas, — contra a doença teem no seu proprio sér a força que mais val. E com a sua frecha temerosa e com a natureza, esses selvagens, provados, como nós, por doenças cruissimas, attingem a longevidade e constituem o prototypo da robustez e da coragem.

Que mais solida argumentação desejam os que pertinazmente contestam a influencia da força natural do organismo sobre a evolução da molestia? Como é possível não vêr transluzirem os vivissimos lampejos da verdade fundamental—que a arte medica exerce uma influencia restricta na cura dos soffrimentos da humanidade, concorrendo com o seu obulo para a reintegração do estado hygido do organismo?

*

Dêmo-nos todavia pressa na realisação do nosso intento. Se o fito a que miramos, é fixar o papel que a arte therapeutica póde e deve exercer, coadjuvando a natureza na debellação das molestias,—é-nos mister impreterivelmente precisar tambem o da propria natureza.

A medicina hippocratica, admittindo a existencia da *crise*, como traduzindo o acto vital que deve promover o exito ou desenlace das doenças, apregoa tambem que estas alterações pathologicas pódem vencer ou ser vencidas pelos esforços naturaes; mas esta luta e sobretudo este triumpho ou derrota pódem executar-se lenta e brandamente (*crise insensivel, lysis*) ou, o que é mais raro, por uma maneira tumultuosa e por vezes terrivel (*crise sensivel*).

Ainda mais: em conformidade com esta mesma doutrina, assim como podemos admittir a molestia sob dois pontos de vista differentes— a affecção exercida no systema vivo e a sua manifestação apparente e exterior no organismo,—assim do mesmo modo a *crise* abrange a reacção vital e os phenomenos ou actos organicos que a traduzem exte-

riormente. Como phenomenos criticos, figuram na doutrina de Hippocrates os suores, as urinas, as hemorragias, os vomitos, as dejecções alvinas, os spasmos e as convulsões. Quem ainda hoje ousará não respeitar e apreciar devidamente estas verdadeiras revoluções organicas, umas vezes pacificas, outras vezes tumultuosas, como uma traducção vivissima e espontanea da natureza medicatriz?

E esta asseveração, franca e inconcussa, corresponderá a inculcar essa força como *totum faciens*, annullando assim toda a intervenção medica? Dando-se o facto de cada homem possuir em si mesmo o seu *medico*, como se justificará cabalmente esta profissão brilhante, sob cuja bandeira se alista numerosa e abalisada cohorte?

Esta objecção é tão natural e espontanea, como prompta e facil a sua resposta. Se a natureza medicatriz fosse capaz de prover sempre de prompto a todas as necessidades mais ou menos imperiosas da economia humana, indubitavelmente toda a humanidade attingiria a invejavel idade da ancianidade e o nome de Mathusalem não seria invocado com tanta frequencia, pois que seria então respeitavel a pleiade dos seus competidores. Mas não succede assim; e se na maioria dos casos os esforços da natureza medicatriz arrostando victoriosamente com a molestia, em alguns todavia são insufficientes, nullos, ou perigosos.

Venha a asserção prática. A epistaxis que podemos admittir como critica n'uma congestão cephalica, póde suspender-se presto, dando como consequencia uma aggravação intensissima d'aquelle facto morbido. Por outro lado em algumas circumstancias é evidente a necessidade e utilidade

da hemorragia e todavia a natureza é impotente para a produzir. As dejecções alvinas e os vomitos que numerosas vezes merecem tambem ser incluídos na classe dos phenomenos criticos, se em alguns casos provocam um rapido melhoramento da molestia, em outras circumstancias ou não se realisam ou executam-se incompletamente, promovendo desarranjos assás graves. As mesmas considerações poderiam ser adduzidas a proposito da importancia da urina e do suor, como actos criticos. Mas, verdade innegavel, se estes exemplos nos fornecem uma exuberante e cabal demonstração do papel activo que a natureza medicatriz exerce na cura das diversas entidades morbidas, tambem é igualmente incontestavel que uma tal força, a despeito de todos os seus valiosissimos predicados, nem sempre é bastante para o fim que se propõe, podendo mesmo desviar-se do seu fito e tornar-se sobremaneira funesta. É por este motivo tão importante que compete ao clinico estudar nas diferentes molestias que se offereçam á sua apreciação — as vias de solução malefica ou benefica que ellas pódem apresentar; d'esta maneira com uma observação aturada conseguir-se-ha averiguar os casos em que a natureza é proficua ou improficua na debellação dos multiplices casos morbidos.

Exemplifiquemos. Um individuo acommettido d'uma phlegmasia energica melhorou consideravelmente por via d'uma hemorragia; d'esta maneira, quando se manifeste o mesmo estado pathologico, será quasi irresistivel e geralmente justificado o desejo de promover a hemorragia. N'um mesmo doente pódem desenvolver-se duas fluxões, uma interna, consideravel, outra externa, benigna;

ora com estes casos de observação que constituem lições prestimosas, o clinico sente-se irresistivelmente attrahido a promover uma fluxão ou derivação exterior, quando exista alguma interior que damnifique com mais ou menos energia a regularidade funcional d'um ou mais órgãos da economia. É certo que estas analogias frisantes pôdem originar uma avultada somma de erros, mas é facto incontroverso que, escrupulosamente estudadas e interpretadas, fórmam os mais solidos alicerces da arte medica.

No campo espaçoso e abastado da pharmacologia deparamos com uma lista de purgativos, vomitivos, diureticos, revulsivos, etc., cuja applicação carecemos de subordinar ás tendencias imperiosas do facto pathologico que reputamos influenciado pelas forças que dirigem o organismo humano; da mesma maneira no campo vasto da medicina operatoria a diereze, a exerese, a synthese e a prothese coadjuvam energicamente a força interna que chamamos medicatriz.

Ora esta therapeutica assim estatuida é incontroversamente uma das mais exalçadas conquistas do talento humano; mas a sciencia é ardua e capaz dos mais altos maleficios, quando manejada por mãos inexperientes e pouco peritas, como é capaz dos mais nobres beneficios, quando dirigida sagaz e dextramente. Todo o problema consiste pois em apreciar, quanto ser possa, as relações intimas, o laço estreito que deve existir entre os esforços dos medicos e os esforços da natureza medicatriz. Não importa que este bemfazejo pendôr que a natureza tem para a cura das molestias seja attenuado e mesmo conspurcado pelos que se denominam sys-

thematicos; profundos observadores e abalisados clinicos descobrem-n'o e secundam-n'o, sem se occuparem mesmo com o seu estudo intimo. Tão intuitiva e tão espontanea é a idéa d'esta força que tem uma realisação prática quotidianamente!

Mas ainda assim, para não nos envencilharmos no erro, compete-nos observar que não são sempre as mesmas as relações entre a therapeutica e a força medicatriz da natureza; com effeito, se em algumas circumstancias esta é bastante para a cura das doenças, em outros casos é insufficiente ou mal dirigida e nociva. Ora em qualquer d'estas situações o procedimento do medico tem de variar necessariamente.

Quem ha ahi que ignore que a medicina expectante é a mais assisada todas as vezes que se reconheça, que a natureza por si só dirige habilmente a evolução da molestia? Quem desconhecerá os perniciosos effeitos d'uma medicação energica em taes circumstancias? Influa o medico sobre o moral do doente e da sua familia, ministre-lhes o linitivo e os balsamos da resignação e terá d'esta maneira preenchido um dos seus mais brilhantes e prestimosos papeis na sociedade!

Todavia, é forçoso dizel-o, os sacerdotes da medicina arcam por vezes com sérios embarços quando deparam com doentes que exigem medicamentos a todo o transe. Não vêmos quotidianamente nas nossas aldêas trocarem-se os serviços clinicos do medico pelos do ignorante curandeiro, só porque este receita arrogantemente qualquer substancia, que com ardil velhaco e refinado reveste de mirificas virtudes therapeuticas?

E assim o illustre filho da sciencia é forçado

a passar sob as forças caudinas e tem de formular qualquer preparado pharmacologico innocente para não ser suplantado pelo inimigo, que com olhos de lynce espreita todos os ensejos para se fazer apregoar como o salvador da humanidade enferma!

Por vezes succede serem insufficientes ou nullos os esforços da natureza contra a molestia. Ora, se no primeiro caso incumbe ao medico prestar escrupulosa attenção ao magnifico aphorismo = *quó natura vergit, eó ducendum* =, deve igualmente ser desvelado em não exagerar outros como o que é consignado nas seguintes expressões = *vomitus vomitu curatur*. Se não houver demonstração das tendencias da natureza para reagir contra a doença, é de todo o ponto conveniente estudar os movimentos que ella costuma exercer contra outras molestias da mesma especie, attendendo sempre á constituição do doente, á constituição medica reinante, etc. Mas ainda assim é necessario confessar que um dos problemas mais arduos em medicina prática é averiguar e differenciar o que póde ser proveitoso ou prejudicial n'estas tendencias naturaes da força que dirige a materia.

Nos casos em que estes movimentos reactivos sejam perigosos ou mal encaminhados, urge prestar a mais subida attenção. Não levemos as nossas idéas optimistas a ponto de ligar toda a importancia á força natural que dirige a organização; se assim fosse, reduzir-nos-hiamos a uma mera e estulta expectação, com manifesto prejuizo para o individuo molesto. Ora é mister combater, quando se torne preciso, estas aberrações perigosas, esforçando-nos com a nossa therapeutica por substituir por

actos contrarios os que assim se acham desviados da sua evolução natural.

As bases da therapeutica racional são firmadas desde o momento em que se demonstre que a natureza umas vezes é capaz de promover só por si a debellação de certas entidades morbidas, sendo em outros casos insufficiente e carecendo então de um auxiliar—a arte. Mas note-se que até aqui temos, por assim dizer, encarado a therapeutica como dirigindo-se ao acto morbido, e a natureza como concorrendo por seus esforços proprios para encaminhar a bom exito este acto. Mas carecemos de preencher ainda uma lacuna importante.

Somos dos que com todas as véras d'uma convicção profunda encaramos o acto morbido não como constituindo toda a molestia, mas sim uma das suas manifestações; d'esta maneira admittimos a existencia d'um facto mais geral e este facto é o estado morbido. Exemplifiquemos. Existe a diathese syphilitica, molestia que tem ceifado mais victimas que as balas arremessadas nos plainos de todas as batalhas; esta doença consiste essencialmente n'uma debilidade constitucional, n'uma eiva, n'uma viciação geral que constitue o estado morbido. Ora tal estado póde conservar-se no organismo sem dar logar a alguma manifestação ou acto morbido; mas temos o ensinamento da prática que nos revela que esse estado, ou espontaneamente ou por provocação de alguma condição etiológica occasional, póde traduzir-se em qualquer ponto da economia, sendo esta manifestação o acto morbido que fica assim alimentado e entretido pelo estado morbido.

Assim, como manifestações importantes da sy-

phillis, citaremos os condylomas, o ecczema e as exostoses. E quem tentará em frente d'estes actos pathologicos praticar unica e exclusivamente o tratamento local? Quem se proporá combater o ecczema syphilitico com medicamentos meramente topicos, os quaes pôdem dar excellentes resultados, quando esta erupção está desligada e independente de qualquer viciação geral e constitucional? De certo a esta temeridade ninguem se arrisca. A indicação formal e racional é muito differente: toda a medicação deve com effeito ser concernente á molestia-mãe, á diathese, ao estado morbido que sustenta aquella manifestação cutanea. Igualmente os exantheas e as ulceras escrofulosas não pôdem ser combatidas, senão dirigindo-se a acção therapeutica de maneira a ir exercer-se sobre o estado morbido ou affecção que alimenta aquellas manifestações locais e que pôdem ser mais ou menos restrictas.

Ora de todas as medicações que possam ter a pretensão de actuar sobre o estado morbido, é a chamada especifica aquella que mais é considerada no theatro clinico; mas diga-se a verdade inteira: —a par dos resultados beneficos que uma tal medicação é capaz de promover, é forçoso dizer-se tambem que os maleficios são em extensa escala, e isto intimamente dependente dos muitos abusos que se teem commettido á custa dos especificos. A quina e o mercurio são unanimemente reputados os mais distinctos membros d'este grupo pharmacologico, sendo ambos dirigidos a extinguir um vicio occulto sem que até hoje se haja emitto uma racional demonstração da sua intima potencia medicatriz.

O que é facto incontroverso é que os resultados notabilissimos, produzidos pela medicação especifica, testemunham cabalmente a possibilidade de não limitarmos os nossos esforços therapeuticos ao acto morbido e de os levarmos mesmo até ao estado morbido. Se hoje cotejarmos o numero de especificos com o numero de molestias a que elles se destinam, reconhecer-se-ha que é mui restricta a sua lista; e poderemos nós esperar que os successivos progressos das sciencias naturaes venham alargal-a mais consideravelmente? Serão exageradas as nossas esperanças?

*

De todas as considerações que precedentemente expozemos, deduz-se logicamente que são dois os methodos therapeuticos que merecem ser assignalados: o *methodo especifico* e o *methodo natural*. Esta divisão, admittida e sustentada pelo egregio clinico inglez Sydenham, affigura-se-nos ser revestida de todos os predicados para a tornarem distincta entre as outras classificações que possam traçar-se no campo da pharmacologia.

A medicação especifica, de todas as medicações a mais energica e a mais mysteriosa na sua acção therapeutica intima, é dirigida quasi empiricamente a combater estados morbidos de momentosa gravidade, estados que não são menos mysteriosos pelo que toca á natureza intima das alterações pathologicas que os constituem. Como é facilimo de deduzir, a medicação, a que estamos fazendo referencia, é a mais azada a combater entidades morbidas que hajam conquistado no organismo o direito de chronicidade, do que aquellas

que se apresentem em qualquer periodo de agudeza.

N'estas ultimas circumstancias são incalculaveis os beneficios que pôdem ser prodigalisados pelo methodo natural, methodo therapeutico que mira ao acto morbido e não tanto ao estado morbido o qual fica incluído, como dissemos, na alçada da medicação especifica; com effeito, segundo as prescripções de tal plano therapeutico, são respeitadas os esforços naturaes da economia humana, como tambem dirigidos ou ainda reprimidos, quando sejam desviados do seu pendôr para a cura.

Barthez, o eximio chefe da medicina philosophica e um dos mais avantajados e preclaros campeões da doutrina vitalista, imbuido da philosophia inductiva de Bacon e trilhando a senda que Bordeu encetou, estabeleceu admiravelmente a sciencia das indicações e dos methodos therapeuticos. Sem se embaraçar damasiado com a solução do problema — se o principio vital é metaphysico ou material, e sustentando certos factos doutrinaes que subordinam ao mesmo principio todos os phenomenos da vida, já normaes já pathologicos, reduziu a tres os diversos methodos de tratamento que deve ser instituido contra as doenças: *methodo natural*, *methodo analytico* e *methodo empirico*. Quando o ministro da medicina coadjuva os esforços salutaes da natureza, mas dentro dos limites convenientes, emprega o methodo natural; quando o medico, em frente da errada direcção que seguem os moviimentos vitaes, se esforça por decompôr a molestia nos seus elementos para favorecer ou combater o que é benefico ou malefico, pratica o methodo analytico; e finalmente quando á doença por

demasiado complexa e obscura não se presta mui acertadamente o methodo analytico, exerce-se o chamado methodo empirico.

Ora é n'este ultimo plano therapeutico que Berthez inclue os methodos *especifico*, por *imitação* e por *perturbação*. Mas militarão em abono d'esta classificação factos e razões inequivocas? Porventura a analyse não será instrumento primoroso no methodo natural e mesmo no empirico? E perguntaremos ainda: o methodo natural não possuirá igualmente uma certa feição e cunho do methodo empirico? Pois não é verdade que aquelle methodo se funda no ponto importante de observação quotidiana de que a natureza tende á cura das molestias? Não nos ensina a experiencia a capitular e classificar os esforços ou movimentos naturaes que se propõem a debellação das doenças? E será por nós conhecida *ultima et intima ratio* d'estes actos naturaes?

Ainda mais: não assentimos absolutamente em collocar, como Berthez, no methodo empirico os methodos por imitação e por perturbação, os quaes encontram justificado cabimento no chamado natural. Com effeito taes methodos, ainda que divirjam algum tanto no modo d'acção therapeutica, dirigem-se todavia a coadjuvar a força de reacção natural, para d'esta maneira combater o acto morbido. Um exemplo: n'um caso de variola, quer formulemos algumas bebidas emollientes e tepidas para sustentar uma branda transpiração, quer formulemos, quando falte a erupção, um agente pharmacologico *perturbador*, um vomitivo ou outro, incontroversamente, tanto n'uma como em outra situação, respeitamos e apreciamos na sua in-

contrastavel influencia toda a força medicatriz natural.

Por outro lado e por força das mesmas considerações não reputamos justificada a posição que Barthez assignala ao methodo especifico, collocando-o junto dos methodos por expectação e por perturbação. Pois não avança a therapeutica especifica mais longe que a outra, chegando a primeira á affecção ou estado morbido e não passando a segunda além do acto morbido? Consequentemente estribando-nos na veneranda opinião de medicos abalisados, taes como Sydenham, Stahl e Halle, admittiremos em therapeutica dois methodos fundamentaes: o *methodo natural* e o *methodo especifico*, advertindo que o primeiro se póde exercer por *expectação, por imitação e por perturbação*.

Ha quem pretenda incluir na campo do methodo natural o methodo analytico, o qual, como supra-mencionamos, decompõe a molestia nas suas partes elementares, a fim de desvendar, quanto possa ser, o que ha bom ou mau, para assim tambem ajudar ou combater. Mas observe-se rigorosamente que, imperando na therapeutica como impera na pathologia a analyse, não constitue esta o apañagio d'um unico methodo; pelo contrario estende igualmente a sua alçada mais ou menos soberana a todos os outros. Se é factio irrefutavel que o seu poderio se faz sentir presentaneamente no methodo natural, não é menos legitima a sua influencia no methodo especifico. N'este com effeito por via de analyse não só dirigimos os nossos esforços a investigar as manifestações pathologicas ou actos morbidos, mas vamos ainda mais longe para alcançar algumas noções sobre o estado morbido.

A analyse exerce-se pois em um e outro campo —já no methodo natural, já no especifico. Quando se investiga o capitulo d'uma molestia, entendemos rasoavel que todas as vezes que seja facil e possivel, se proceda a uma distincção entre estado e acto morbidos. Assim a melhor therapeutica é a que tem por alvo a affecção ou estado morbido; mas quando o conhecimento d'este estado não possa ser attingido e seja por isso impraticavel o tratamento especifico, n'este caso cuidaremos de combater as manifestações morbidas, ajudando os esforços da natureza, quando bem encaminhados, e corrigindo-os, quando sejam desregrados.

Ora em todo este processo se exerce a analyse e pela nossa parte não consideramos justo o incluir exclusivamente no methodo natural o methodo analytico, quando é certo que este abrange uma area mais dilatada.

Como é intuitivo, não é identico o processo seguido pela analyse nos campos da therapeutica e da diagnose. Quando se investiga o capitulo d'uma molestia, devemos sempre tomar para ponto de partida as lesões e os symptomas e por via d'elles chegaremos muitas vezes ao conhecimento da causa intima a que estão ligados. N'esta conformidade, pelo facto da existencia d'uma cephalea podemos em determinadas circumstancias conjecturar um embaraço gastrico, assim como este póde ser subordinado á presença d'um verme intestinal ou de um canero no estomago; finalmente, e por via d'esta inducção ser-nos-ha possivel em certos casos reconhecer a existencia da diathese cancerosa.

Ora não deve ser este o caminho seguido pela therapeutica, a qual carece de descer da affecção

para os symptomas; e em todas as vezes que disponhamos d'um agente pharmacologico capaz de influir poderosamente sobre o estado morbido, não devemos hesitar na sua applicação conveniente. Desempenhar-se-ha em taes condições um dos mais felizes e nobres papeis que incumbem ao ministro da medicina! Mas similhante fim, grandioso *desideratum*, nem sempre póde ser attingido, pois que tambem nem sempre é possivel discernir a affecção; em taes casos deveremos encaminhar a nossa therapeutica para debellar os principaes e mais graves symptomas, tendo de nos reduzir á missão de alliviar e confortar, quando esses mesmos não possam ser attenuados na sua intensidade. É o caso de se dizer que o symptoma constitue o primeiro degrau do diagnostico e o ultimo da therapeutica.

Não nos esqueçamos igualmente das intimas relações existentes entre a etiologia e a therapeutica, relações tão importantes que o seu conhecimento e exacta interpretação pôdem produzir valiosissimos beneficios na prática medica. Assim como a molestia póde originar-se espontaneamente, do mesmo modo póde ser tambem espontanea a cura.

Por outro lado a causa efficiente que determina por exemplo — um envenenamento, póde ser contrabalançada pelo antidoto competente que vai actuar physica ou chimicamente sobre a substancia venefica. Mas não olvidemos as disposições do organismo vivo e a sua influencia por vezes energeticamente decisiva sobre o modo de acção do agente therapeutico. Exemplifiquemos: É verdade incontestavel que a efficacia d'um remedio especifico depende d'elle mesmo e da sua impressão na econo-

mia; assim póde não verificar-se a absorpção ou exercer-se esta apenas em dóse mais diminuta; póde mesmo no caso de absorpção haver consideravel resistencia contra o medicamento. Não nos é arduo admittir a realisação prática d'esta verdade: as forças que dirigem o organismo humano são capazes de reagir contra a molestia, como tambem contra a therapeutica.

Dêem a esta força a denominação que lhes prouver; chamem-lhe disposição idiosyncrasica ou traduzam-n'a por outro qualquer epitheto pomposo que seja ajustado para mascarar uma vaidosa ignorancia; a despeito de tudo isso o factó permanece inconcusso e proclamando uma verdade momentosa.

*

Antes de fechar este humillimo e desataviado trabalho façamos uma declaração franca.

Não foi grosseiro nem acintoso o mobil que nos instigou a levar o escalpello da nossa pobre critica ao corpo de alguns systemas medicos, atacando-os e ferindo-os em pontos vulneraveis da sua doutrina sobre therapeutica. Intendemos que a investida contra os erros e desmandos que teem enxameiado n'esta formosissima vergontea da medicina, não damnificará a pureza intrinseca da sciencia a que votamos rasgado preito.

Com as considerações de que fizemos uma modesta exegese, pretendemos evidenciar os perigos d'uma therapeutica erronea, perigos tanto mais graves, quanto é certo que a therapeutica ainda a mais racional vai por vezes de encontro ás mesmas syrtes da contrariedade.

De sobra conhecemos nós a insuficiência das nossas forças para obra tão gigantesca, e de certo não tentariamos o desempenho de tão subido encargo, se não houvessemos por egide segura a indulgencia do illustrado corpo docente da escola medico-cirurgica da qual somos o mais humilde dos filhos.

FIM

PROPOSIÇÕES

1.^a **Anatomia.**—O systema osseo é uma vertebra repetida.

2.^a **Physiologia.**—O sangue arterial é mais especialmente destinado á respiração e o sangue venoso á alimentação.

3.^a **Materia medica.**—Admittimos em therapeutica dois methodos fundamentaes: o *natural* e o *especifico*.

4.^a **Pathologia geral.**—Como em todas as sciencias, o erro em medicina tem prestado relevantes serviços.

5.^a **Medicina operatoria.**—O gráo de subordinação da medicina operatoria á cirurgia conservadora deve fundamentar-se nas condições do doente, do operador e do ambiente.

6.^a **Pathologia interna.**—A classificação das molestias dos centros nervosos não póde assentar sobre a classificação que a anatomia e a physiologia fazem dos mesmos centros.

7.^a **Anatomia pathologica.**—Com Virchow rejeitamos a especificidade da granulação tuberculosa; mas não admittimos, como elle, o tecido conjunctivo como a unica matriz de tal producção morbida.

8.^a **Partos.**—Não ha vasos utero-placentares.

9.^a **Hygiene.**—Votamos contra a emancipação da mulher.

Vista.

Monteiro.

Póde imprimir-se.

O CONSELHEIRO DIRECTOR

Costa Leite.